

FORMAS DE FABULAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO PASSADO: HISTÓRIA E MEMÓRIA EM TORNO DA BRASILIDADE¹.

Chiara Vangelista
Università degli Studi di Torino

1. Introdução.

Em ensaio recente, baseado na leitura da obra historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda², procurei mostrar a continuidade e a coerência, na vasta produção do autor paulista, do projeto intelectual e político exprimido e concretizado no seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*: construir, através de uma história erudita do Brasil, os elementos formativos da memória coletiva brasileira³. No último parágrafo daquele ensaio (“*O poder mágico da palavra*”), aprofundava e ampliava o tema tratado, destacando uma linha de leitura através das formas de oralidade nos escritos do autor.

Os elementos “orais” encontrados eram, em síntese: as citações sem limites textuais certos; o recurso frequente a temas ou a episódios nos quais a história e a lenda confundem-se, ou a fatos históricos que têm sabor de lenda; enfim, as citações ocultas, tiradas da cultura erudita e popular que, nos textos, tornam-se fórmulas, parecidas às fórmulas mnemônicas típicas das culturas orais⁴. As citações eruditas alternam-se, assim, aos ditados populares, em um mecanismo de contínua incorporação do leitor a um patrimônio de saber comum e compartilhado, reconhecido imediatamente por todos⁵.

Esta tentativa de criar um *continuum* entre a obra erudita, principalmente historiográfica, e a memória coletiva, inclusive o saber comum, não é, nos anos entre as duas guerras mundiais, uma peculiaridade exclusiva da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Porém, podemos afirmar que Sérgio Buarque de Holanda perseguiu este projeto ao longo de toda a sua atividade historiográfica, e com particular coerência. Por esta razão, trata-se de um autor que não só se presta, mas até sugere a operação que vou tentar neste ensaio: criar um diálogo virtual entre os

¹ Este ensaio é a elaboração da comunicação feita no seminário internacional *Clíope*, realizado na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, nos dias de 29 e 30 de outubro de 2001. Agradeço a Sandra Pesavento pela revisão do texto.

² C. Vangelista, “Terra e fronteira, história e memória: uma leitura de Sérgio Buarque de Holanda”, *Rivista di Studi Brasiliani*, II (2000), pp. 71-90.

³ S. Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936. Aqui se usará, para as citações, a edição de 1984.

⁴ V. a este propósito W. Ong, *Oralità e scrittura. Le tecnologie della parola*, Bologna, Il Mulino, 1986.

⁵ Uns exemplos: *A aguardente, remédio eficaz para todas as doenças (Monções)*; *Viviam sem os socorros da religião e sem que os confessassem nas ocasiões de perigo (Ivi)*; *O Reino ainda não tinha principiado a despovoarse ao cheiro da canela indiana (Visão do Paraíso)*.

textos historiográficos⁶ de Buarque de Holanda e outros textos, estes últimos construídos através da transcrição de entrevistas abertas, na forma de histórias de vida e histórias de família, que coletei numa pesquisa sobre as relações e as intersecções entre história nacional, memória coletiva e memória individual no Brasil da segunda metade do século XX⁷. Os textos construídos naquela ocasião serão aqui utilizados só em pequena parte e com o objetivo diferente: fazer dialogar diretamente os dois *corpora* – a obra de Sérgio Buarque de Holanda e as entrevistas abertas – para procurar e individualizar os possíveis níveis de intersecção, no interior de uma área temática específica: o papel do processo de ocupação do território, com suas implicações sociais e culturais, na explicação da formação do Brasil como nação.

2. *A memória individual e a história nacional.*

Os depoimentos que vou apresentar em numa leitura cruzada com Buarque de Holanda constam das histórias de vida de duas mulheres brasileiras, que chamei de “Leila” e de “Eunice”. As entrevistas, gravadas entre 1987 e 1993 foram em total de, respectivamente, 240 e 140 minutos⁸.

Leila, nascida em 1931 no oeste do estado de São Paulo, é uma mulher de cultura universitária, que trabalhou como professora de grupo escolar no interior do estado, até chegar, no final dos anos cinquenta, na capital do estado. Com a ditadura militar, emigrou para Itália, e, após de quinze anos, no final dos anos oitenta, voltou no Brasil, onde atualmente reside, num município do estado de São Paulo, muito próximo ao lugar onde nasceu.

Eunice, nascida em 1957 no norte do estado de Minas Gerais, participou junto com sua família, na metade dos anos sessenta, dos movimentos de migrações internas para o Oeste do Brasil (Goiás e em seguida Mato Grosso). Aos 17 anos, Eunice deixou a família de origem para emigrar sozinha até a cidade de São Paulo; esta última migração corresponde à interrupção dos estudos e ao início da vida de adulta. No momento da entrevista, Eunice não morava mais na capital, mas em uma cidadezinha do interior do estado.

Leila e Eunice são duas depoentes de meio social diferente, ainda que pertencentes, com distinta fortuna, à classe média paulista (Eunice pode ser definida como uma mulher rica, enquanto que Leila vive da pensão própria e do marido) e têm duas distintas relações com o passado. Para Leila, a mais idosa e culta, nascida na antiga fronteira paulista do Rio Paranapanema, a *saga* familiar – como ela a define – entrecruza-se com a história do Brasil. O depoimento de Leila é caracterizado pelas

⁶ Como se sabe, Sérgio Buarque de Holanda foi também tradutor e crítico literário.

⁷ Os resultados daquela pesquisa estão em: C. Vangelista, *Terra, etnie, migrazioni. Tre donne nel Brasile contemporaneo*, Torino, Il Segnalibro, 1999.

⁸ Entrevistei Leila duas vezes, em 1987 e 1993, e uma vez, por duas tardes, Eunice, em 1992. Os motivos das duas entrevistas a Leila e a metodologia da colheita dos dois depoimentos são explicados em C. Vangelista, *Terra...*, cit., pp. 16-25 e *passim*.

contínuas referências, explícitas ou implícitas, aos eventos e aos temas da história nacional. Na relação com a pesquisadora que a entrevista, estrangeira e mais jovem, Leila atinge a sua experiência de professora, transformando boa parte da entrevista numa apresentação didática do Brasil. A vontade de explicar o Brasil (uma forma sutil de se apoderar da pesquisa de quem está gravando), junto à vontade de esclarecer sua própria situação social, fazem com que o depoimento de Leila apresente uma ênfase especial com referência às relações com a terra (a ocupação dos mineiros do oeste de São Paulo, a formação de uma classe de médios e grandes proprietários, a formação das fazendas de café, a questão do direito à propriedade, tema, este último que, na história de Leila, chega até a contemporaneidade) e às relações etno-sociais, e, de forma particular, ao *status* de elite local dos antepassados.

No caso de Eunice, o sentido que a depoente dá a sua história de vida é dado pela “descoberta” das ascendências africanas e pelas migrações, realizadas por ela e sua família. Eunice, a única filha, entre treze irmãos, que guardou todas as características físicas africanas, tinha construído na infância e na adolescência a fantasia de não ser uma filha legítima de seus pais, mas de ser uma criança abandonada e adotada. A “descoberta” das origens africanas e escravas da avó materna deu-se pouco tempo antes do depoimento e foi a origem da proposta de Eunice de ser entrevistada por mim.

O entusiasmo inicial desapareceu logo, deixando lugar a amplos momentos de silêncio e de incerteza. Na relação com a pesquisadora, maior de idade e autora de vários livros sobre a história do Brasil, a depoente Eunice perdeu de repente a certeza do interesse e da unicidade da própria vida como caso a ser estudado, e ficou muda. Aos poucos, ela retomou segurança, reconstruindo, na fala, uma coerência de discurso baseada em duas linhas condutoras, como já comentei: as ascendências africanas e as migrações.

As duas testemunhas, apesar de serem tão diferentes, em idade, em instrução, em meio social de origem, em atitude em relação à entrevista e à entrevistadora, têm algumas características comuns. As duas mulheres receberam a educação escolar (até a Universidade, no caso de Leila; até os 16 anos, no caso de Eunice) debaixo de um regime autoritário (o Estado Novo, com Leila, os militares, com Eunice). Esta particularidade, aliás amplamente difundida no Brasil do século XX, faz com que a formação básica das duas se desse através de um discurso difundido - não só na escola - marcatamente nacionalista, embora distinto: um, o do Estado Novo – assimilacionista; o outro, dos militares – amplamente occludente.

Em segundo lugar, as duas testemunhas terminam o roteiro de vida relatado nas entrevistas com a chegada na cidade de São Paulo: a capital do estado torna-se por assim dizer a meta final, não só de um movimento migratório que elas têm em comum com centenas de milhares de outros brasileiros, como também de um processo de crescimento e emancipação pessoais.

Outra característica comum, é o fato de que Leila e Eunice não terem ascendências europeas recentes (isto é, não há na família antepassados pertencentes ao movimento migratório europeu dos séculos XIX e XX) e elas então não estão

envolvidas naquele processo de recuperação de uma memória “étnica” não-brasileira, que tem sido estudada de forma particular nestes últimos anos.

Ao final, e em primeiro lugar, as duas depoentes são mulheres. Esta condição não se verificou por uma escolha específica no começo da minha pesquisa. Porém, o cruzamento entre memória e gênero revelou-se um campo de análise prioritário e peculiar. As discriminações de gênero, acrescentadas pelas discriminações raciais – meio de evidentes ou inventadas ascendências não portuguesas-cristãs⁹ – proporcionaram às mulheres das gerações de Leila e de Eunice uma experiência de marginalização não só social, mas também afetiva, que deram às respectivas vivências profundidade e formas de fabulação específicas.

De que maneira o muito particular da memória, do vivido, do imaginário e da imaginação de Leila e de Eunice entrecruza-se com o também muito abrangente, documentado e erudito da historiografia nacional? E, de que maneira específica, ambos se entrecruzam com o projeto cultural e político – no sentido amplo e elevado – que está na base da obra do historiador paulista Sérgio Buarque de Holanda?

A história nacional, a memória coletiva, a memória pessoal e familiar têm pelo menos dois níveis de intersecção. Em primeiro lugar, a descrição do meio social, por um lado e, por outro, a descrição do mesmo na base das memórias pessoais, ou, também, as características do meio social que se podem reconstruir através dos depoimentos. O segundo nível de intersecção é a fabulação, evidente nos textos construídos na base das histórias de vida, parte integrante dos mecanismos atuados para “dar sentido” à vida de cada um. O dar sentido à história de vida e o entender de qual maneira a história de vida está tomando sentido são os objetivos perseguidos pelo depoente e pelo pesquisador, e formam parte das relações entre os dois.

Porém, a fabulação está presente também na historiografia nacional, ainda mais quando ela tem o objetivo declarado de fornecer, através da construção de uma trama dos acontecimentos do passado, uma matéria já refinada, capaz de contribuir não só à memória coletiva, como também à interpretação do presente e à construção de uma identidade nacional. A fabulação, neste caso, sustenta com as imagens e fornece as palavras de ordem à trama do passado tecida nos livros de história: é assim que, por exemplo, com o processo de ocupação da terra americana, a riqueza do Brasil, o ouro, as culturas diferentes, sintetizadas no corpo, na fala, na ação dos *verdadeiros* brasileiros - a elite do segmento mestiço da população - entram no saber comum, no saber do povo, com imagens e frases repetidas, das quais se perdem os autores, os atores e os contextos históricos, para virar em fórmulas e medidas da autopresentação de cadaum.

Uma leitura das obras historiográficas de Sérgio Buarque de Holanda e dos textos das entrevistas de Leila e de Eunice mostram como os possíveis níveis de

⁹ Esta questão, particularmente complexa, porque nela interagem não só as pertenências raciais “visíveis”, mas também aquelas “morais”, e as imaginadas, foi analisada no capítulo 5 do meu *Terra, etnie...*, cit.

intersecção dão-se no âmbito de muitas temáticas. Como exemplos particularmente significativos, e numa prossecução ideal do ensaio antecedente, que já citei, vou aqui dar atenção aos temas da terra e do povo, e do seu entrecruzamento no processo de ocupação da terra.

3. *Descrição e fabulação.*

Um primeiro e, por assim dizer, natural âmbito de intersecção entre historiografia e memória pessoal é dado pelas descrições do meio geográfico e social. A paisagem e suas modificações, a vida cotidiana, a cultura material, os atores sociais, as práticas políticas locais presentes nas histórias de vida de Leila e de Eunice, de alguma maneira confirmam e/ou encontram uma confirmação na historiografia paulista sobre as épocas às quais elas se referem.

Por exemplo, Leila lembra as queimadas, utilizadas para deixar lugar aos cafezais; os imigrantes italianos, trabalhando nas fazendas de café dos anos trinta e quarenta, e a passagem daquelas famílias pobres e numerosas pelas cidades do interior oeste do estado: uma espécie de inconciente comentário aos livros e ensaios sobre o tema¹⁰. Ela descreve também as colônias japonesas de algodão, dando a cor da vida cotidiana ao estudo sobre o tema de Pierre Monbeig¹¹, e, no litoral paulista, encontra novamente os japoneses, aqui dedicados à pequena lavoura e, sobretudo, à pescaria. Leila nos proporciona anotações sobre os meios de transportes no interior, o mercado local, a violência das relações sociais.

Por outro lado, Eunice, mais jovem, fala-nos de outra fronteira, mais recente: aquela do oeste do Brasil, cujos protagonistas são os mineiros e os nordestinos pobres, dedicados ao garimpo e à economia de autoconsumo nas cidades e nos povoados de Goiás e de Mato Grosso. Eunice descreve as relações cotidianas destes novos pioneiros com “os verdadeiros goianos e matogrossenses”, os Xavante, os Bororo, mas lembra também a sociedade de sua origem, as pequenas vilas de Minas Gerais, as formas de agregação, nos partidos políticos e nas confrarias, as relações de gênero e de poder.

Neste âmbito, descritivo e às vezes analítico, existe de fato uma espécie de conexão natural com a literatura culta e científica. Os depoimentos das duas mulheres não acrescentam nada em relação aos eventos, ou ao conhecimento de uma sociedade amplamente estudada ao longo da história. Elas mesmas – Leila e Eunice – formam parte e são expressão de um contexto aclarado por uma vasta bibliografia científica, que aprofundou não só os eventos, mas também as continuidades de longo período e as transformações geradas pelo surgir de novos processos históricos. Neste sentido, então, os depoimentos de Leila e de Eunice

¹⁰ S. Milliet, *Roteiro do café e outros ensaios*, São Paulo, HUCITEC/Pró-Memória, 1982; J. de Souza Martins, *O cativo da terra*, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979; A. Trento, *Là dov'è la raccolta del caffè. L'emigrazione italiana in Brasile*, Padova, Editrice Antenore, 1984; C. Vangelista, *Le braccia per la fazenda. Immigrati e caipiras nella formazione del mercato del alvoro paulista (1850-1930)*, Milano, Franco Angeli, 1982.

¹¹ P. Monbeig, *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, São Paulo, Ed. HUCITEC/Ed. Polis, 1954.

não constituem matéria para a construção de uma “outra” história, assim resgatada pela fala de mulheres desconhecidas.

O campo de análise que, pelo contrário, se revela interessante e novo é aquele do estudo das maneiras de contar e, sobretudo, de apresentar a si mesmas e a seu próprio país. Isto é, as formas de elaboração e apresentação do passado pessoal e familiar, num desenho que vai se desenvolvendo e se revelando no curso da entrevista, ou seja, no curso da relação entre a testemunha e a pesquisadora que põe questões, que escuta, e que grava tudo na fita¹².

Como já comentei antes, em qualquer depoimento aprofundado, na relação que se cria entre o depoente e o pesquisador e, de fato, entre o depoente e o projeto de pesquisa, nasce desde logo a necessidade de “dar um sentido” à fragmentação das experiências individuais, à parcialidade da visão pessoal. No primeiro contato e na relação depoente/pesquisador, a fala cotidiana vira documento histórico, as lembranças íntimas viram memória, gravadas mecanicamente por uma pessoa estranha e para serem entregues num circuito não mais familiar e afetivo, mas oficial.

Em entrevistas demoradas, em etapas, como as que estou aqui apresentando, há outro elemento importante: o diálogo do depoente com si mesmo. A entrevista aprofundada, com a possibilidade de retomar o discurso e refinar o relato em outro momento, estimula um processo de revisão autobiográfica, na tentativa inconsciente de encaixar todos os episódios da vida, os encontros, as decisões, as decepções, as incongruências, os erros, etc. em um processo linear que, com a devida seleção, justifique a banalidade da vida de cada um, e proporcione um sentido.

Nesta dupla passagem complexa, da lembrança à memória e da memória ao documento, ou fonte histórica, entregue à historiadora – uma pessoa estranha e no caso estrangeira, que, no espaço privado, familiar, está escutando e olhando, está *gravando* – há uma ligação quase necessária (dependendo da instrução das testemunhas e da relação específica entre elas e a pesquisadora) com uma história mais ampla, a história nacional, “como a gente aprendeu na escola” e aprende cotidianamente, e *como a pesquisadora estrangeira que está escutando deveria aprender e conhecer* e que “ela provavelmente não conhece” e que, sem dúvida, não aprendeu nos pormenores.

O papel de estrangeira colocou-me então, nesta pesquisa, numa posição privilegiada, para estudar as formas de conexão entre a memória pessoal e familiar

¹² A literatura sobre a relação entre pesquisador e depoente no curso da entrevista aberta é muito vasta, e vou aqui citar só os textos que mais utilizei no curso do meu trabalho: Aa.Vv., *L'intervista strumento di documentazione. Giornalismo, antropologia, storia orale*, Roma, Quaderni della Rassegna degli Archivi di Stato, 1987; L. Passerini (a cura di), *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*, Torino, Rosenberg & Sellier, 1978; M. Filippa, *Avrei capovolto le montagne. Giorgina Levi in Bolivia, 1939-1946*, Firenze, Giunti, 1990; M. Gribaudi, “Storia orale e struttura del racconto autobiografico”, *Quaderni Storici*, XIII (1978), n. 39, pp. 1131-1146; P. Thompson, *The Voice of the Past. Oral History*, Oxford University Press, 1978.

e o passado nacional. Os mitos caseiros da saga familiar se conectam e se transformam neste contato, com os grandes temas da história local e nacional, assim como *todos as conhecem*. Na conquista de um direito à biografia¹³, processo individual que se desenvolve rapidamente no desenvolver da entrevista, cria-se um espaço de conexão entre história e memória.

É justamente neste espaço que vou analisar as relações entre uma produção culta e elitista como a de Sérgio Buarque de Holanda e os depoimentos de Leila e de Eunice.

Na temática terra/povo/ocupação da terra, os espaços mais evidentes de possível intersecção entre a obra de Sérgio Buarque de Holanda e os dois depoimentos referem-se a duas temáticas, que se mostram freqüentemente, ao mesmo tempo: a história das várias fases de ocupação da terra na área centro-este do Brasil, e sobre tudo na área paulista e, segunda temática, os tipos sociais produtos da colonização. A esta altura, a leitura de alguns trechos de cada depoimento explicará melhor as correspondências existentes.

4. Leila.

Pedí, tanto a Leila como a Eunice, para recuar, no relato da história de suas vidas o mais atrás no tempo, concentrando-se sobre as figuras da família que elas tinham conhecido na primeira infância. A história de vida transformou-se assim, em parte, numa história da família de origem, aclarando a posição das testemunhas nas dinâmicas da família e do meio social de formação.

Leila começou sua história contando do avô materno, que, com a esposa, cuidou dela até a morte. No depoimento, Leila criou, sem solicitação inicial de minha parte, uma rede de laços de si mesma com o passado mais remoto da história do Brasil português e até o século quinze, em Portugal, inserindo diretamente a história da família na história mais antiga do Brasil.

Para fazer esta operação atrevida, os *documentos* não são necessários (ainda que Leila tenha uma referência nas pesquisas dum primo, professor de história na Universidade), já que existem as *provas*: nos sobrenomes, na aparência física, na cultura material, na história do Brasil.

Eis uns trechos interessantes, nos quais esta operação está evidente¹⁴:

-Da família do meu pai eu sei que o bisavô era português, talvez descendente de cristão novo.

-O avô Chico D. era alto, escuro, cor de couro, como chamamos nós no Brasil. Porém, o nome era D.

O Tancredi, meu primo, que è professor de história na Universidade, foi procurar, até encontrar os D. bandeirantes. São pesquisas do Tancredi¹⁵.

¹³ V. como o tema è tratado, num sentido differente que aqui, em J.M. Lotman, *Il diritto alla biografia. Il rapporto tipologico fra il testo e la personalità dell'autore*, Venezia, Marsilio 1985.

¹⁴ Este texto è construido através da primeira entrevista que fiz a "Leila", na Itália, antes de sua volta para o Brasil.

Nesta primeira entrevista notam-se vários italianismos, e até palavras italianas.

Eles [a este ponto, os antepassados e os bandeirantes sobrepõem-se neste sujeito comum] tinham saído de São Paulo Piratininga tantos anos antes, foram em Minas, as Minas Gerais, e lá tiveram fazendas.

Os D. chegaram no Brasil no 1575 [aqui também os dois sujeitos – antepassados e bandeirantes – sobrepõem-se] como cristão novos, judeus. Na cara deles [ligação interessante, que sub-entende presupostas características físicas peculiares aos judeus] você vê o índio, penso que fosse predominante. Eu penso também que todos esses cristão novos que chegaram ali fizeram famílias com os índios. Porquê se vê que predomina mesmo... Nós chamamos de cabelo de beira do rancho: aquele cabelo liso assim. A maioria dos meus parentes tem cabelo de beira do rancho, por parte de minha mãe e do meu pai. (...)

-Meu bisavô pegou a mulher, que estava grávida, e tinha mais de dois filhos, Custodio e Candinho. Era a Guerra do Paraguai.

Os soldados estavam recrutando à força e ele para escapar e não ser preso para a Guerra do Paraguai, ele preferiu deixar a fazenda dele, pôs a minha bisavô no carro de boi, e veio descendo de Minas Gerais até São Paulo.

Ele inverteu a rota, porque os D. estavam em Minas porque eram bandeirantes.

Com a guerra do Paraguai esse homem, o bisavô, desceu, e onde hoje é Lençóis Paulista – era sempre floresta – eles pararam, porque a mulher dele deu à luz: nasceu meu avô debaixo do carro de boi.

O Chico D. nasceu debaixo do carro de boi.

Este trecho, no início do primeiro depoimento de Leila, mostra com clareza a operação que esta testemunha faz. A fabulação – e inclusive a sabedoria que está à base desta fabulação – cria continuamente ligações entre a história da família dos D. e a história nacional. As *provas* – o sobrenome, o roteiro do bisavô, a aparência física – são introduzidas em contextos históricos pontuais – a Guerra do Paraguai, a ocupação pelos mineiros do oeste da província de São Paulo, nos meados do século XIX.

Leila dá força à sua construção da história da família contrapondo a sua versão, científica e racional, por assim dizer, às pretensas ascendências nobres reclamadas por outros parentes, os primos, que estão tendo uma boa mudança social e que afirmam serem descendentes do Conde d'Eu e do Barão de C.

O mesmo jogo dos sobrenomes feito no caso dos D. bandeirantes, se possível aqui mais audaciosos, é feito por Leila com o sobrenome da avô:

-A vovó, a esposa do Chico, ela era índia.

Ela era loira, de olhos azuis. O pai dela chamava-se Bernardo de Souza: os Souza são portugueses que viram [sic] na capitania de São Vicente.

Thomé de Souza.

O retrato da avô – a esposa do Chico – acrescenta-nos outros elementos:

¹⁵ A ligação não é uma operação de muita dificuldade, sendo o sobrenome do avô igual a uma família de bandeirantes paulistas.

-Minha avó era clara, mas ela era índia: os olhos, o que ela sabia de plantas, o que ela sabia de cura, curar os outros.

Ela tinha um conhecimento, uma cultura muito grande, e indígena.

Era uma mulher muito sábia, muito respeitada, muito bonita, e era ela que acudia todo o mundo que passava em Palmital.

A gente fazia a fila na porta da casa, para benzer.

O cavalo dela era o mais bonito.

-No quadro, minha avó tinha o cabelo bem penteado, com voltas de corrente de ouro (minha avô usava correntes de ouro, ela dava para os filhos a metros) [...].

É preciso recordar que, na análise de histórias de vida como esta, não são importantes tanto as informações – que de fato não acrescentam muito ao que já se sabe, a não ser talvez uma “atmosfera” – quanto as escolhas feitas pela testemunha. De fato, os pequenos trechos aqui citados mostram uma seleção refinada de elementos, que concorrem para a construção do retrato dos dois avôs, últimos expoentes de uma elite mineira de colonizadores do século XIX no oeste paulista.

As referências à presença desta família na área, como proprietários de títulos de terra e fundadores de municípios, se encontram na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* e no livro já citado de Pierre Monbeig, obras ambas desconhecidas por Leila¹⁶. Porém, os retratos dos dois antepassados são de toda forma reforçados por elementos históricos que, no contexto da entrevista, são míticos. Isto se dá no sentido que a história nacional, na intersecção com a memória pessoal o familiar, torna-se aqui em mito.

Vou a citar alguns destes elementos, além do mais evidente, a explícita ligação da família aos bandeirantes:

- 1) O avô paterno, português, descendente de cristão novo (aqui a *prova* é um sobrenome de cidade, que Leila interpreta erroneamente como sobrenome judeu).
- 2) A avô, “índia”, porque tinha uma sabedoria “indígena”, apesar de ser loira (aqui há outro elemento interessante de ligação, entre a aparência física, isto é, a raça, e a cultura, típico de uma vasta literatura dos meados do século XX¹⁷).
- 3) A avó, mulher importante na cidade de Palmital, que tinha *correntes de ouro a metros*. Aqui não me interessa tanto o fato, bastante comum no interior (tal como a importância do cavalo), mas a escolha dos elementos de identificação da avó. O ouro chama outra vez a atenção à ascendência bandeirante.

O papel de “novos bandeirantes” –outro mito paulista do século XX - está evidente nesta outra passagem:

¹⁶ J. Pires Ferreira, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Rio de Janeiro, IBGE, 1957, e P. Monbeig, *Pioneiros...cit.*

¹⁷ V. a este propósito R. Da Matta, *Relativizando: uma introdução à antropologia social*, Petrópolis, Vozes, 1984.

-Daí – do lugar onde é hoje Lençóis Paulista – eles foram para Santa Cruz do Rio Pardo, para São Pedro do Turvo, sempre desbravando [...] Daí meu avô, com onze filhos que tinha [...], continuou, seguindo o Paranapanema, os rios. Foi parar num lugar que era cheio de palmitos. Tinha índios: onde é a igreja de Palmital era a taba, a aldeia dos índios.

Leila está atuando, no seu depoimento – que é em substância uma apresentação de si através de uma colocação social específica – uma transformação da história em mito, quando esta se entrecruza com a sua própria memória. Uma operação diferente na substância, mas paralela àquela feita por Sérgio Buarque de Holanda em vários trechos da sua obra, quando utiliza a história para produzir memória, por meio da construção de um “saber comum”.

Tomemos seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*: pelo que se refere às relações dos portugueses com a gente do lugar:

«O bom êxito destes [os portugueses] resultou justamente de não terem sabido ou podido manter a própria distinção com o mundo que vinham povoar. (...) o português entrou em contato íntimo e frequente com a população de cor. Mais do que nenhum povo da Europa, cedia com docilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros»¹⁸.

A aquisição da sabedoria indígena, è também mencionada em *Caminhos e fronteiras*:

«Sabemos como era manifesta nesses conquistadores a marca do chamado selvagem, da raça conquistada. Em seu caso ela não representa uma herança desprezível e que deva ser dissipada ou oculta, não é um traço negativo e que cumpre superar; constitui, ao contrário elemento fecundo e positivo, capaz de estabelecer poderoso vínculos entre o invasor e a nova terra»¹⁹.

«O mérito no descobrimento e na utilização das plantas curativas coube em maior grau aos paulistas, tanto quanto o descobrimento das minas de ouro»²⁰.

E, por final, a civilização gerada pelos bandeirantes, autenticamente americana, brasileira:

«No planalto de Piratininga nasce em verdade um momento novo de nossa história nacional. Ali, pela primeira vez, a inércia difusa da população colonial adquire forma própria e encontra voz articulada. A expansão dos *pioneers* paulistas não tinha suas raízes

¹⁸ S. Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 34.

¹⁹ S. Buarque de Holanda, *Caminhos e fronteiras*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1972 [1957], p. 18.

²⁰ Ivi, p. 89.

no outro lado do oceano. (...) Mas ainda esses audaciosos caçadores de índios (...) foram, antes do mais, puros aventureiros (...)»²¹.

5. Eunice.

O tema da aventura, que, para Buarque de Holanda, é força propulsora da colonização, nos introduz no depoimento de Eunice. Os traços mais interessantes de autopresentação – e de fabulação – são relativos à conexão dos seus parentes e de si mesma com os tipos sociais e psicológicos do interior e da fronteira, reforçados pela literatura de psicologia social do meado do século XX, tanto que se tornaram partes do saber comum, aceitos por todos. A identificação com um destes tipos sociais reforça o papel da pessoa real como protagonista e herói da história contada. Um processo, este, que é muito evidente no depoimento de Eunice.

A conexão do contexto familiar e social de Eunice com o saber comum, quer dizer com o patrimônio de retratos socialmente consolidados e coletivamente reconhecidos, atua-se através da descrição pormenorizada dos caracteres dos parentes.

Eunice evidencia os diferentes caracteres através da contaposição entre os dois ramos da família (como ela mesma os define) - a paterna e a materna – e da incompatibilidades entre os dois. Um, o materno, de origem africana, de gente bem educada, tranquila, sedentária. Outro, o paterno, de origem indígena e cigana, “bichos do mato”, migrantes, empreendedores, homens e mulheres de fronteira.

Lemos uns trechos da entrevista:

- Minha mãe teve problemas terríveis com a família do meu pai, porque a minha avô, índia, ela sabia, ela andava a cavalo, ela fazia qualquer coisa, ela andava descalça (...) Então ela achava que uma mulher deveria andar mais a cavalo, deveria fazer... E mamãe não, ela foi educada de outra forma.

Ela tinha um temperamento totalmente oposto. Por exemplo: a minha avô Eunice faleceu agora, com 96 anos, perfeita, morreu naturalmente, nunca saiu de Minas: nasceu, creceu e morreu lá.

A minha avó Irundina, ela foi atrás dos filhos, ela era analfabeta, não tinha idéia de nada. Então ela saiu de Minas, em '68, lá na fronteira de Mato Grosso. Não sei o que ela fez. Não tinha ônibus, não tinha trem, não tinha nada. Ela ia de trem até Campo Grande – onde acaba a linha de trem – e daí não sei como ela conseguiu chegar mais de 1.000 quilômetros atrás dos filhos. Tinha lá, na fronteira, três filhos.

O filho da avó Irundina, o pai de Eunice, representa também o tipo da fronteira:

- Existe um termo: gambira. Gambirar é troca. Então o papai fazia isso. Ele não tinha muito dinheiro (...) Então era sem dinheiro, mas voltou com alguma coisa... E de uma maneira ou de outra ele conseguia, sabe, aumentar o patrimônio dele. (...) A base do negócio dele era esse: era uma gambira, trocando uma coisa para outra.

²¹ S. Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 68.

- *Ele mexe com madeira, comercia também. Só uns seis anos atrás ele fundou praticamente essa cidadezinha, C. Quatro anos atrás, não tinha nada, não tinha luz. As únicas casas de alvenaria eram o Banco do Brasil e as Casas Pernambucanas. Negociava em fumo, milho. (...) Às vezes negociava em [sic] boi, de uma fazenda para outra. Com terras, de uma área para outra. Às vezes tropas também: comprava uma tropa para levar a um determinado garimpo... Até fazia depósito em nossa casa, então tinha sempre uma variedade muito grande de produtos, na nossa casa. (...) Ele foi sempre assim.*

Como não ver, nesta contraposição interna à família, que Eunice transforma em contraposição de tipos sociais, de filosofia de viver, o início do segundo capítulo de *Raízes do Brasil*, onde justamente Sérgio Buarque de Holanda contrapõe os dois tipos civilizadores e de pioneiros, o “aventureiro” e o “trabalhador”?

«Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculos em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes. (...)

E não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente, empenhadas nesta obra, principalmente as nações onde o tipo do trabalhador, tal como acaba de ser discriminado, encontrou ambiente menos propício»²².

O pai de Eunice nunca se adaptou à vida urbana:

- *Meu pai veio uma época em Campo Grande, seis meses, mas ele mal se adaptou. Porque ele acha que viver na cidade, você tem que pagar para tudo [aquí aparece também outro tema de *Raízes*: o receio em relação ao dinheiro²³]. Ele se sentia sufocado. Sabe: aquela casa com luz, paredes, tudo... E tomar ônibus para ir em qualquer lugar, tudo longe... Então ele achava que não era uma vida. Aliás ele nunca viveu em cidades grandes. E daí ele foi para S., que é na divisa com a Bolívia. Depois para Rondônia e está ainda lá.*

²² S. Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, cit., p. 13.

²³ Sobre esta temática em *Raízes do Brasil*, ver o meu “Papel moeda/papel engraxado: o dinheiro nas relações sociais. Uma leitura de *Os Ratos* e de *Raízes do Brasil*”, in S. Jatahy Pesavento (org.), *Leituras cruzadas. Diálogo da História com a literatura*, Ed. Universidade/UFRGS, Porto Alegre 2000, pp. 143-165.

Para o pai de Eunice, o espaço fechado, a cidade, é também o lugar onde tudo é longe, em contraposição ao sertão, onde, pelo contrário, tudo parece mais próximo, mais acessível, e sem a intermediação do dinheiro.

Porém, a cidade também pode tornar-se em fronteira, em teatro de aventura. Com efeito, no final do depoimento, as personagens da história mudam de rol: Eunice, até aquele momento objeto passivo da vontade dos outros (o pai, a mãe, os irmãos), põe a si mesma como a heroína da história. Esta transformação é marcada na narração pela decisão de Eunice, aos 16/17 anos, de emigrar para a cidade de São Paulo, deixando a família, definitivamente dividida entre a mãe “sedentária”, que ficou em Campo Grande, e o pai, “aventureiro”, que mudou até a fronteira com a Bolívia.

A grande cidade se transforma assim na nova fronteira e o ato de emigrar, na memória e na autopresentação de Eunice, se transforma na aventura, na descoberta, no crescimento espiritual:

- Eu sempre achei que teria outros lugares.

Como meu pai sempre teve essa facilidade de mudar de lugares, eu também acho que nasci com esse dom, esse desejo de descoberta.

Então eu imaginava que teria outros lugares que eu poderia conhecer. (...) Eu achava que deveria ter uma vida própria, conhecer mais, e aquilo me dar[ia] uma condição para escolher.

Eu pensava que eu podia sair, morar sózinha, ter uma vida independente.

Então pensei: vou para São Paulo, catar dinheiro a rodo, trabalhar...

-Então foi uma época, sabe, que me ensinou muito.

Foram seis meses de janela.

Eu sempre digo: tem que ter janela, para as coisas. Janela é isso, literalmente falando, é isso: um abre uma janela, você tem a visão das coisas, que se tivesse um outro... Se não tem ninguém para te... Uma família para te orientar, uma mãe para estar aí perto, está só, então você tem que aprender as coisas de várias maneiras, de vários ângulos. Então isso me ensinou muito.

Neste final da sua entrevista, Eunice chama a atenção sobre si e sobre seu peculiar gosto para a aventura: migrar, sim, mas para a cidade. Outra vez ela apresenta um tipo social, novo com respeito ao da fronteira, mas não antitético. De fato, neste diálogo em torno da brasilidade, desenvolvido entre a pesquisadora e a testemunha, ao longo da história de vida de Eunice, o movimento e a aventura, de uma maneira menos elitista do que com respeito a Leila, sobressaem como as características e as qualidades fundamentais do ser brasileiro.

5. Conclusões.

O movimento e a aventura, ao interior dos quais cada uma das testemunhas aqui apresentadas escolhe seu próprio papel de heroína – popular, para Eunice, fidalga, para Leila – parece então ser uma característica fundamental que sobressai no processo fabulatório de construção, nas duas histórias de vida, duma imagem de si mesmas e do Brasil. É fácil, no diálogo virtual entre as duas mulheres e os escritos de

Sérgio Buarque de Holanda, aproximar este sentimento comum de Leila e de Eunice com o *incipit* de *Raízes do Brasil*:

«A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra».

Os trechos para citar e as conexões, no caso específico, entre história contada e historiografia poderiam continuar, sem, a esta altura, acrescentar algo mais. Prefero então apontar agora umas questões que se evidenciaram ao longo desta leitura cruzada, ou que estão à base da mesma.

Pelas dinâmicas desencadeadas na relação da entrevista, a história de vida sempre subentende uma referência a uma coletividade, material ou virtual. Existe, pois é, um controle social, explícito ou implícito, sobre a construção das histórias dos indivíduos; controle que adquire características peculiares nas relações entre o depoente e o pesquisador. No caso das entrevistas aqui apresentadas, a biografia relatada se enriquece de um significado a mais: sendo eu estrangeira, as testemunhas deram a si mesmas a tarefa de apresentar o Brasil e a história brasileira a quem, no seu entendimento, não podia conhecê-la.

No caso de entrevistas avulsas – como foram aquelas de Leila e de Eunice – quer dizer, não colocadas num específico contexto comunitário (p.e.: um bairro rural, uma associação religiosa, etc.) ou social (p.e.: uma elite local), o controle social sobre o relato parece mais difícil a ser individualizado, mas se revela com clareza, se o pesquisador tomar um particular cuidado na análise das formas de construção, no curso do relato, de uma coerência de vida. Leila e Eunice construíram esta coerência – essencial para dar um sentido a seu próprio passado – incorporando suas histórias e de suas famílias num contexto histórico e/ou social.

De fato, Leila colocou sua história pessoal e familiar no processo de conquista e de ocupação da área paulista, identificando o caso regional de São Paulo com a conquista do Brasil inteiro, mecanismo aliás bastante comum também na historiografia. Eunice coloca de maneira explícita a sua história e de sua família, e as hipóteses em torno de seus antepassados, no contexto social de um espaço de fronteira, o sertão, que não tem definidos os limites regionais, mas que, no seu ser indeterminado, tem uma qualidade forte e transformadora: ser o lugar onde se desenvolveu e continua se criando a brasilidade.

Em um livro publicado em 1977, Pisa e Lapouge, comentando entrevistas feitas a mulheres muito diferentes entre si, afirmaram que as brasileiras apresentam a si mesmas como heroínas de um romance²⁴. Esta observação pode se aplicar também às duas mulheres aqui apresentadas, ainda que de formas diferentes. Leila torna-se

²⁴ M. Lapouge, C. Pisa, *Brasileiras*, Parigi, Des Femmes, 1977, p. 11.

protagonista e heroína da história pelo seu *status* social, enfatizado pela fabulação em relação aos antepassados. Como notaram Lapouge e Pisa no caso de Carlota Pereira de Queiroz, em Leila também a memória pessoal é utilizada para a reconstrução do passado nacional. Verifica-se, no depoimento de Leila, o que eu chamaria de uso patrimonial do passado que, na geração formada entre as duas guerras mundiais, estende-se da elite – tradicional ou recente – à classe média, urbana e rural²⁵. Eunice torna-se heroína no momento em que se desloca no território por decisão tomada de forma autônoma: emigra, como o pai, mas em direção oposta a ele: não mais rumo à fronteira, mas na cidade, na maior cidade do Brasil. Eunice, no final da entrevista, converte esta transformação de si mesma em heroína do relato de forma consciente e explícita: uma transformação criativa da tradição, apresentada como uma renovação pessoal na continuidade da brasilidade: a aventura no movimento territorial.

Virou quase um lugar comum afirmar que a história é o passado contado pelos vencedores. Esta afirmação abusiva tem um sentido no caso das histórias de vida: os depoentes sentem-se parte da história que estão contribuindo a construir, através da entrevista e da relação com um historiador profissional, pondo-se, cada um de sua própria maneira, como vencedores. No caso de Leila e de Eunice, ser “vencedoras” quer dizer incorporar-se, com todos os direitos, na história e na sociedade nacional. Neste processo, a cronologia dos eventos se transforma em diacronias familiares e pessoais: as bandeiras, a fronteira do oeste paulista, a escravidão, as migrações rumo o sertão ou a cidade. A história nacional e a memória individual, reelaboradas em um projeto externo (isto é, solicitado por alguém que não tem relações com elas) de reconstrução histórica, se encontram. Neste encontro, a história, incorporada na memória, transforma-se em mito.

Si tomamos em conta este processo, conhecido por todos os que trabalham com fontes orais, os textos de Sérgio Buarque de Holanda e os textos criados a partir dos depoimentos de Leila e de Eunice, ambos vistos como dois conjuntos, entram em relação, e se sobrepõem, não tanto na descrição dos eventos ou dos contextos sociais, quanto nos dois, peculiares, processos de transformação do passado em mito.

Notamos que, em vários trechos da obra do historiador paulista, resulta evidente o projeto erudito e refinado de dar substância ao saber e ao sentir comum através da atenuação dos limites entre a história e a lenda, entre cultura escrita e oralidade. Nas histórias de vida de Leila e de Eunice a transformação do passado familiar em mito atua justamente com o suporte da história, ou, para melhor dizer, do que “todos sabem” da história do Brasil.

Uma dupla intersecção entre história e memória, dada em dois contextos tão diferentes, que se realiza através de uma transformação criativa do passado, fora da

²⁵ Para contestualizar este fenómeno, é útil a leitura de N. Sevcenko, *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20, São Paulo, Companhia das Letras, 1992; a introdução de Nella Avella a P. Prado, *Ritratto del Brasile. Saggio sulla tristezza brasiliana*, Roma, Bulzoni Editore, 1995, e M.R. Schpun, *Les années folles à São Paulo. Hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)*, Parigi, L'Harmattan, 1997.

história dos eventos, mas dentro do processo histórico da formação da identidade brasileira.